

O diálogo como estratégia formativa: perspectivas a partir da Educação Popular em Saúde¹

Luanda de Oliveira Lima², Renata Pekelman³

Resumo

Este manuscrito objetiva refletir acerca dos desafios e das possibilidades que se colocam no campo da formação em saúde dentro de um contexto em que o diálogo, princípio fundamental da educação popular, se torna desafiador em função de um cenário de opiniões radicalizadas, de retrocesso nas políticas públicas para a formação e do distanciamento físico devido à pandemia. Ao longo do texto, buscamos apresentar estratégias e iniciativas que vêm se consolidando no âmbito da Educação Popular em Saúde e do campo da formação mediante tantas incertezas.

Palavras-chave

Formação. Construção compartilhada. PNEPS-SUS. Covid-19.

¹ Esse texto deriva das reflexões construídas coletivamente durante o Painel Temático “Eixo de Formação na Educação Popular e Saúde: desafios atuais e perspectivas” do II Seminário Temático do Grupo Temático de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (GT EPS/ABRASCO), ocorrido nos dias 4 e 5 de fevereiro de 2020, em Parnaíba, Piauí, Brasil.

² Doutoranda em Saúde Coletiva no Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; integrante do Núcleo Coordenação do GT EPS/ABRASCO. E-mail: luanda.ol@gmail.com.

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; professora do Curso de graduação em Medicina da Universidade do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; médica de Família e Comunidade do Serviço de Saúde Comunitária do Hospital Nossa Senhora da Conceição, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; integrante do Núcleo de Coordenação do GT EPS/ABRASCO. E-mail: renatapek@gmail.com.

Dialogue as a formative strategy: perspectives from Popular Health Education⁴

Luanda de Oliveira Lima⁵, Renata Pekelman⁶

Abstract

This manuscript aims to reflect about the challenges and possibilities that arise in the field of health education in a context in which dialogue, a fundamental principle of popular education, becomes challenging due to a scenario of radicalized opinions, regression in public policies of formation and physical distance due to the pandemic. Throughout the text, we seek to present strategies and initiatives that have been consolidated in the context of Popular Health Education and formation field in the face of so many uncertainties.

Keywords

Formation. Knowledge sharing. PNEPS-SUS. Covid-19.

⁴ This production is based on the collective reflections of the conference panels “Formation in Popular Health Education: current challenges and perspectives” presented in the II Thematic Seminar of the Thematic Group for Popular Education and Health of the Brazilian Association of Collective Health (Brazilian acronym GT EPS/ABRASCO). It occurred from 4th to 5th February 2020 in Parnaíba, State of Piauí, Brazil.

⁵ PhD student in Public Health, Fernandes Figueira Institute, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; member of the Coordination Group of the GT EPS/ABRASCO. E-mail: luanda.ol@gmail.com.

⁶ Master in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil; professor of the undergraduate course in Medicine, University of Vale dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil; Family and Community Physician at the Community Health Service at Hospital Nossa Senhora da Conceição, Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul, Brazil; member of the GT EPS/ABRASCO Coordination Group. E-mail: renatapek@gmail.com.

Pensar a formação no momento atual

Num contexto de privatização da educação e da saúde, de censura, de retrocesso nas políticas públicas e de ataques a pensadores como Paulo Freire, que defendem a educação como processo de transformação das pessoas e potencializador da transformação social, os desafios que se apresentam são muitos. Contudo, diversas também são as perspectivas e oportunidades que se colocam, especialmente no campo da formação voltada para a saúde, a começar pelo II Seminário Temático do Grupo de Trabalho de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (GT EPS/ABRASCO) e o VI Encontro Nacional e I Encontro Latino Americano de Educação Popular em Saúde, espaços de encontro e formação que inspiraram a construção desse manuscrito.

Nesse cenário, um dos principais desafios que se apresenta na atualidade é estabelecer um diálogo franco e realmente aberto à troca de ideias, uma troca entre saberes diversos, respeitosa e construtiva. Vivemos um momento histórico-político no país de grandes radicalizações. E o estabelecimento de diálogo entre pensamentos antagônicos exige atitudes freirianas. A tolerância, nessas circunstâncias, constitui-se na atitude e virtude de realizar uma escuta ativa e crítica, partindo de “o que posso aprender com isso” e como construir uma crítica problematizadora. (PEKELMAN, 2019).

A constituição desse diálogo caminha junto de outras atitudes basilares para a educação popular como a amorosidade, a autonomia, o olhar crítico e a construção compartilhada de saberes. A amorosidade, com o sentido na crença no outro, na construção compartilhada a partir dos encontros. Amorosidade na escuta crítica, na humildade de reconhecer a verdade no outro, no anseio dos homens e mulheres de ser-mais (FERNANDES, 2017). A autonomia, que na construção coletiva, na experiência do paradoxo autonomia/dependência, ou seja, só sou eu, o eu e o outro, que somos nós, é uma tarefa essencial no ato de educar. É o processo pelo qual o ser humano se vê diante da realidade histórica como ator nesta mesma realidade, é a experiência da liberdade, mesmo que relativa, mesmo que temporária, mas fundamental para o olhar crítico e a ação transformadora (MACHADO, 2017). Esses desafios se dão nos espaços formativos, sejam eles no âmbito formal e/ou informal.

Torna-se necessário, portanto, refletir sobre o que entendemos por formação e que papel os espaços formativos exercem nas vidas e no sistema de produção da sociedade ocidental contemporânea. Para Paulo Freire, a educação é um ato de criação, constitui em si o ato criativo da reflexão, da construção de compreensão e de conhecimento (FREIRE, 1987).

De acordo com o Dicionário Aurélio, formação é a ação de criar, constituir algo. A formação também tem uma conotação de modos pelos quais somos criadas ou educadas, o que nos molda o caráter, a personalidade, a ética. A educação popular traz em sua concepção o ato de educar como formação ética. A ética da “humanização do humano e das relações sociais” (TROMBETTA; TROMBETTA, 2017, p. 167).

Assim sendo, os processos formativos influenciam a personalidade, o caráter e a ética, especialmente na formação profissional para a saúde, pois se compreende que ela perpassa diversas dimensões da vida e da sociedade. No processo formativo, faz-se necessário evidenciar as concepções de saúde, de trabalho educativo, de educar e ser educado, bem como as relações de trabalho, o trabalho produtivo nos moldes capitalistas/neoliberais e uma visão crítica da realidade social e da realidade de saúde, com a construção do pensar problematizador. A formação precisa ocupar-se do ser no mundo, na construção de sujeitos em sua relação com o outro. Na relação educador-educando devem ser valorizadas as relações de carinho, amor, afeto.

Quando a formação não considera seu potencial humano, amoroso, dialógico, de saberes constituídos, ela pode ser chamada de uma educação bancária, porque é impositiva, busca transferir técnicas e depositar conhecimentos; torna-se tecnocrática, focando apenas nos instrumentos necessários para o profissional de saúde. A redução da formação a sua dimensão técnica e instrumental, focando na adequação do trabalhador às expectativas e necessidades do sistema produtivo capitalista, está moldando personalidades com pouca ou nenhuma capacidade de reflexão crítica, suscetíveis a um sistema que busca expropriar todos seus recursos produtivos e criativos, sua mais-valia e sua constituição de sujeito (FREIRE, 1987). A formação do trabalhador de saúde presente na maior parte do território preza pela técnica não reflexiva, procedimental, que não gera vínculo ou diálogo.

Na formação profissional, deve-se ainda levar em conta o papel-chave do trabalho na compreensão da sociedade moderna ocidental, de seus valores culturais e seus mecanismos sociais. Quando se oferta apenas o instrumental, perde-se a oportunidade de problematizar os modos de trabalho e vida a que se está sujeito, caindo em armadilhas como a divisão de classes, o racismo e o machismo estruturais, o consumismo desenfreado, dentre outros. No campo da saúde, muitos profissionais são formados acreditando que não devem se afetar pelos casos e histórias dos usuários que acompanham, das pessoas que lhes confiam a vida, afastando-se de possibilidades terapêuticas diversas das que estão nos protocolos, deixando de lado uma ferramenta poderosa para a constituição do cuidado: o diálogo.

O diálogo como estratégia formativa

Como princípio da educação popular, o diálogo tem papel fundamental na construção compartilhada de saberes e na problematização da realidade. O exercício da escuta efetiva e afetiva, a escuta ativa que reflete ao dialogar. Uma formação em saúde crítica precisa estabelecer momentos de reflexão e de problematização dos desafios atuais para a ação em saúde e suas interfaces com o Sistema Único de Saúde (SUS) e com o cuidado com as pessoas. O diálogo exige disponibilidade para o respeito às diferenças, nela, o sujeito abre-se para o mundo, para dialogar com ele (FREIRE, 2004).

Compreendendo a educação bancária como esse instrumento a favor da dominação, Paulo Freire questionou o modelo, ainda hoje vigente, e propôs um formato diverso para o letramento de jovens e adultos. Ideias essas que se articularam com as de outros pensadores como Carlos Rodrigues Brandão, Victor Vicent Valla, Eymard Mourão Vasconcelos, e foram permeando outros espaços de construção de conhecimento: a academia, as ciências sociais, a formação em saúde.

Coletivos de educação popular também participaram dessa história e foram fundamentais para a construção do que hoje se chama de educação popular, e aqui se mencionam algumas organizações vinculadas à educação popular em saúde, como o Movimento Popular de Saúde (MoPS), o Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL), o Cirandas da Vida, a Rede de Educação Popular e Saúde (RedePop), a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (Aneps), a Articulação de Extensão Popular em Saúde (Anepop) e o Grupo de Trabalho de Educação Popular em Saúde da Abrasco (GT EPS/ABRASCO). A partir desse amplo processo de reflexão e construção compartilhada, formulou-se a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS) (BRASIL, 2013), que propõe como princípios da educação popular e saúde: o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do projeto democrático e popular.

A partir desses princípios diversas estratégias de formação foram construídas, como o Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde, com público prioritário composto por Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Vigilância em Saúde (EdpopSUS)⁷. O curso, construído e desenvolvido numa perspectiva freiriana de educação, promove a formação de

⁷ Acesse o site do curso para mais informações: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/>.

trabalhadores/educandos como novos sujeitos. Uma afetação a partir das reflexões propostas pelo desenrolar formativo da educação popular (RODRIGUES *et al.*, 2020).

O projeto de pesquisa e extensão Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS (VEPOP-SUS)⁸ constrói vivências fundamentais a estudantes, professores, trabalhadores de saúde e a população. Compromete e implica a academia para intervenções necessárias no cotidiano voltadas à equidade. Promove uma interlocução e se constitui pelas vivências da educação popular em uma formação humanizadora e solidária (CRUZ, 2011).

O Curso de Formação Histórica e Política para Estudantes das Áreas da Saúde, ou curso FHP⁹, com coordenação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, promoveu uma leitura da conjuntura social, histórica e política da realidade. Um grande grupo de estudantes experimentou a construção da crítica social como exercício educativo.

Todas essas práticas formativas primaram pelo encontro, pela presença e pela troca sincera, promovendo a construção compartilhada de saberes e conhecimentos com amorosidade e muito diálogo. O encontro, que pode ser presencial ou virtual (ainda mais em tempos de pandemia mundial, que exige que muitos se reinventem), mas deve ser recheado de presença amorosa. Tendo o diálogo como princípio, o foco das iniciativas enumeradas é a ampliação da autonomia do profissional de saúde e da população, promovendo a escuta qualificada e afetuosa dos usuários do SUS, pensando em estratégias de atenção, cuidado e educação, centradas nas pessoas, com a afecção do humanismo. Tais iniciativas também buscaram problematizar as determinações sociais do processo de saúde-doença, atuando sobre elas, sempre que possível.

É preciso igualmente fortalecer e aproximar agentes de formação, escolas, universidades e grupos de pesquisas das iniciativas dos Agentes de Saúde, dos povos originários, das populações tradicionais e quilombolas, das mulheres, das periferias, dos oprimidos, dos diferentes para com eles buscarmos o inédito viável, problematizando as diferenças, as próprias vulnerabilidades e potências num olhar crítico para a realidade.

A formação e o diálogo em tempos de incertezas

Nos tempos atuais, investir e fortalecer as experiências existentes de formação em saúde comprometidas com a autonomia coletiva, procurando ampliar os coletivos e o diálogo

⁸ Acesse o site do VEPOP-SUS para mais informações: <http://www.ccm.ufpb.br/vepopsus/>.

⁹ Acesse o site do curso para mais informações: <http://latic.uerj.br/fhpsaude/>.

com as classes populares Brasil afora, para, assim, semearmos ideias e práticas comprometidas com outro futuro.

Considerando o conceito ético fundamental da educação e da formação, a solidariedade e a humanização, nesse momento de crise, é fundamental que a análise crítica da realidade, das ações que fortalecem a formação do sujeito coletivo, seja pautada na relação dialética e contraditória do cotidiano.

Nesse período de necessário isolamento físico em função da pandemia de Covid-19, observa-se o surgimento e o fortalecimento de uma série de iniciativas que tem a educação popular como fundamento e que busca o diálogo como estratégia. Dentre elas, podemos citar as Ágoras da ABRASCO¹⁰ e a TV Rede Unida¹¹, espaços virtuais de discussão e debates acerca de diversos temas relacionados à pandemia e promovidos pelas associações no YouTube[®], como proposta para produzir respostas à pandemia no âmbito da Saúde Coletiva; os Diálogos de Educação Popular e Cidadania¹², espaço de encontro e diálogos acerca de diversos temas relacionados à educação popular, promovido pela comissão organizadora do Encontro Internacional de mesmo nome; o Curso de Formação Participação, Educação Popular e Promoção da Saúde: saberes, ideias e práticas” e o “Cantinho do chá virtual”¹³, iniciativa do Programa de Pesquisa e Extensão Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB) em parceria com o Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (Extelar) ambos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que traz informações sobre plantas medicinais no Instagram, visando compartilhar saberes e promover o encontro com as comunidades nas quais a atividade é realizada presencialmente.

Todos esses espaços – assim como foi o Seminário Temático e muitos outros que surgem diariamente na internet – utilizam o ambiente virtual para a formação crítica, o diálogo e a autonomia, pensando em novas estratégias e lugares de construção compartilhada de saberes, sem o intuito, entretanto, de substituir os espaços de encontros presenciais, buscando suprir a ausência forçada durante o isolamento. Espaços que busquem, ainda, traçar estratégias de atuação mediante a pandemia, mas que promovam o bem viver para além desse momento singular. Espaços que possam, efetivamente, mudar e ampliar os modos de compreender saúde e de bem viver, estabelecendo uma relação amorosa, de escuta e de troca.

¹⁰ Para mais informações e acesso aos debates, acesse a TV Abrasco: <https://www.youtube.com/tvabrasco>.

¹¹ Para mais informações e acesso aos debates, acesse a TV Rede Unida: <https://www.youtube.com/user/RedeUnida1>.

¹² Para mais informações, acesse o site do encontro: <https://www.confedpop2020.com.br/dialogos.html>.

¹³ Para mais informações, acesse o perfil de Instagram[®] do PINAB: <https://www.instagram.com/pinab.ufpb/>.

Dessa forma, observa-se que os movimentos de educação popular têm incidido na formação das pessoas que hoje se mobilizam para intervir solidariamente no enfrentamento da pandemia que assola a população, principalmente a mais vulnerável.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. **Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS)**. Brasília: MS, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 28 maio 2020.

CRUZ, P. J. S. C. Extensão popular: a reinvenção da universidade. *In*: VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. C. (org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: HUCITEC; João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 40-61.

FERNANDES, C.; Amorosidade. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 37-39.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 184p.

MACHADO, R. C. F. Autonomia; *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 53-54.

PEKELMAN, R. 14 de setembro. *In*: DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivania (org.). **365 dias com Paulo Freire**. São Paulo: Diálogos Freirianos, 2019. p. 430-432.

RODRIGUES, R. P. *et al.* **Educação popular em saúde: construindo saberes e práticas de cuidado através do EDPOPSUS**. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 19, n.1, p. 219-229, jan.-abr. 2020. Doi: 10.14393/REP-v19n12020-49315.

TROMBETTA, S.; TROMBETTA, L. C. Ética. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 166-168.